

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- JORNALISMO

MARIA EDUARDA VALE ANCHIETA

PODCAST: BATIDAS DO TAMBOR VIVÊNCIAS E
EXPERIÊNCIAS DOS “MINEIROS”

IMPERATRIZ - MA
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM CURSO
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- JORNALISMO

MARIA EDUARDA VALE ANCHIETA

PODCAST: BATIDAS DO TAMBOR VIVÊNCIAS E
EXPERIÊNCIAS DOS “MINEIROS”

Relatório Técnico apresentado ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão – CCSST, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.
Orientadora: Prof.^a Dra. Izani Mustafá

IMPERATRIZ - MA 2025



CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ – CCIM
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL / JORNALISMO

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às **16 horas** do dia **29 de julho de 2025**, em sessão pública na Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, na presença da Banca Examinadora presidida pela professora doutora **Izani Mustafá** e composta pelos examinadores:

1. Domingos Almeida - Doutor (examinador interno – UFMA-Imperatriz)
2. Rogério Veras – Doutor (examinador externo – UFMA/LCH/PPGS)
3. Luciana da Silva Souza – Doutora (suplente/examinadora interna - UFMA-Imperatriz)

A aluna **Maria Eduarda Vale Anchieta** apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **“Podcast: Batidas do Tambor - vivências e experiências dos “mineiros”** como requisito curricular indispensável para a integralização do Curso de Graduação em Comunicação Social / Jornalismo. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela **Aprovada** com nota **10,0** do referido trabalho. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata, assinada pelos presentes.

Documento assinado digitalmente
IZANI MUSTAFÁ
Data: 29/07/2025 18:57:23-0300
Verifique em <https://validar.dl.gov.br>

Izani Mustafá
Presidente da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
DOMINGOS ALVES DE ALMEIDA
Data: 29/07/2025 18:58:22-0300
Verifique em <https://validar.dl.gov.br>

Domingos Almeida
Examinador interno (UFMA – Imperatriz)

Documento assinado digitalmente
LUCIANA DA SILVA SOUZA REINO
Data: 29/08/2025 22:52:58-0300
Verifique em <https://validar.dl.gov.br>

Luciana da Silva Souza
Examinadora interna / Suplente (UFMA – Imperatriz)

Documento assinado digitalmente
ROGÉRIO DE CARVALHO VERAS
Data: 29/07/2025 12:02:09-0300
Verifique em <https://validar.dl.gov.br>

Rogério de Carvalho Veras
Examinador externo (LCH PPGS/UFMA)

Documento assinado digitalmente
MARIA EDUARDA VALE ANCHIETA
Data: 29/08/2025 11:33:29-0300
Verifique em <https://validar.dl.gov.br>

Maria Eduarda Vale Anchieta
Estudante

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder a oportunidade de realizar esse curso e, principalmente, por ter me dado forças para concluir essa etapa da minha vida. Foi pensando Nele, que também quis dar vida a este projeto, mostrando que há diversas formas de se viver a religiosidade, onde não existe uma só maneira de cultuar a Ele, desde que faça o bem não importe a quem. Existe apenas individualidade.

Dedico esse espaço também à minha família e todo o suporte que me foi concedido. À minha mãe e ao meu pai, Djane e Carlos André, obrigada por me permitirem vivenciar esse momento. Agradeço a criação que me deram e por terem moldado a Maria Eduarda de hoje. Aos meus irmãos, Lucas, Luísa, André, Cadu e Daniel, que sempre demonstraram orgulho pela minha caminhada e me incentivaram a dar a cara a tapa e fazer o que era necessário. Às minhas tias, Joseana, Dayana e Tatiana, e ao meu padrinho Genésio, que foram grandes fontes de inspiração para que esse projeto tomasse forma. Foi graças a eles que o conceito criado saiu do papel e se tornou real. Ao meu namorado, Cosme Rafael, por sempre me colocar para cima e reforçar que eu consigo sim realizar os meus objetivos e que sempre farei o meu melhor para alcançá-los.

À minha avó Ana Cristina, agradeço por ser a fagulha inicial do incêndio que é a Família Anchieta, obrigada por abrir o nosso leque espiritual e nos permitir viver tantas emoções, sei que olha por mim e por nós. Meu muito obrigada vó (*in memoriam*), descanse em paz, sei que ainda vamos nos encontrar. À minha outra avó, Valquíria, meu muito obrigada por sempre lembrar de mim e velar pelo meu bem estar, agradeço com todo o meu coração por isso. E ao meu avô, José Maria, meus agradecimentos por todo o carinho e cuidado que o senhor tem comigo.

E para finalizar, minha gratidão à minha orientadora, professora doutora, Izani Mustafá, por me dar o direcionamento necessário e por ter acolhido este projeto com tanto carinho e pelo orgulho demonstrado a mim. E não posso deixar de agradecer à minha quase “coorientadora”, a jornalista, mestra e técnica Rosana Barros, por todo o suporte durante as gravações e edições do podcast, sem ela, esse material com certeza não seria o mesmo.

Obrigada aos professores do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz, que fizeram parte da minha formação acadêmica. Seus ensinamentos permanecerão comigo.

RESUMO

Este podcast é composto por quatro episódios que exploram as vivências e experiências de fiéis do Tambor de Mina, uma das religiões de matriz africana presentes no Maranhão. Ao longo dos episódios, são compartilhados relatos pessoais e coletivos que revelam a profundidade espiritual, os rituais, os vínculos familiares e o papel social dessa prática religiosa. As conversas abordam, de forma sensível e informativa, os desafios enfrentados pelos praticantes, como o preconceito religioso e racial, ainda presente em muitos contextos. Apesar disso, a série em áudio é marcada por uma atmosfera acolhedora, rica em saberes tradicionais e cheia de significados. Os relatos trazem à tona a força da ancestralidade, a importância da comunidade e o papel transformador da fé na vida de cada participante. A produção propõe, assim, não apenas um registro de experiências religiosas, mas também um convite à escuta e ao respeito à diversidade cultural brasileira.

Palavras-chave: Tambor de Mina; Religiosidade afro-brasileira; Mediunidade; Preconceito religioso; Diversidade cultural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. JUSTIFICATIVA.....	8
2. OBJETIVOS.....	9
2.1 Geral	9
2.2 Específicos.....	9
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3.1 Podcast: formato sob demanda e reconfiguração da escuta.....	13
3.2 Convergência midiática e mídias sociais: o rádio no ambiente digital...	15
3.3 Jornalismo sonoro e ancestralidade: ética, escuta e resistência...	16
4. ESTRUTURA DO PRODUTO	18
4.1 Proposta editorial e linha temática	18
4.2 Entrevistas e produção de conteúdo	18
4.3 Trilha sonora e direitos autorais.....	19
4.4 Edição, roteiro e sonoplastia	20
4.5 Divulgação e lançamento	21
4.6 Considerações do produto	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23
ANEXOS.....	25
Roteiro dos episódios	25
Imagens de capa do perfil no instagram e no spotify respectivamente	44
Imagens dos episódios	44
Autorização - Tribuna Jurandiense	45
Registros fotográficos.....	45
Links para ouvir os episódios.....	49

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo abordar por meio de uma série com quatro episódios em formato de podcast, que é uma ferramenta de comunicação e de registro oral, sobre práticas religiosas afro-brasileiras, com foco na religião Tambor de Mina. O tema foi escolhido a partir da necessidade de trazer valorização e divulgação à diversidade cultural e religiosa existente no Brasil, especialmente no que se refere às religiões de matriz africana, frequentemente marginalizadas e alvo de preconceito social e institucional.

O Tambor de Mina é uma religião de matriz africana que se desenvolveu principalmente na região Nordeste do Brasil e é marcada por sua diversidade de práticas e influências culturais. Surgida a partir das tradições africanas trazidas pelos povos escravizados, essa religiosidade resulta da síntese de diferentes sistemas de crença, incorporando o culto aos Voduns, de origem Jejê; aos Orixás, de origem Iorubá; e aos Encantados, espíritos associados a elementos naturais e universos paralelos (Prandi, 2005).

Segundo Ferretti (2000), os encantados são compreendidos como espíritos de antigos seres humanos ou animais que, após o fim de sua existência física, tornaram-se imortais. Habitam matas, rios e mares, manifestam-se em terreiros e salões de curadores e mantêm convivência com os mortais. Não são vistos como seres sobrenaturais, mas como parte integrante da vida social, estabelecendo tabus e punindo transgressões, como a caça ou a pesca predatória. Ferretti (2000) explica que, no Tambor de Mina, os encantados africanos recebem o nome de “voduns” e que, em alguns terreiros de São Luís, entidades espirituais não africanas ou caboclas antigas também são chamadas assim. Esses encantados não são entendidos como espíritos de mortos, mas como uma categoria distinta de seres espirituais, frequentemente comparados a anjos da guarda. Embora atuem como protetores e possuam poderes especiais, situando-se abaixo de Deus e dos santos, diferenciam-se dos anjos por poderem punir severamente aqueles que protegem.

No que diz respeito aos aspectos espirituais, o Tambor de Mina apresenta um panteão complexo e plural. Os Voduns, divindades ligadas ao antigo reino do Daomé (atual Benin), constituem a base das práticas Jeje e são reverenciados por suas funções específicas dentro do sistema religioso (Bastide, 1978). Os Orixás, por sua vez, oriundos das tradições Iorubás da Nigéria, Benin e Togo, também são cultuados, demonstrando a

confluência entre diferentes matrizes africanas no interior do Tambor de Mina (Verger, 2002). Já os Orixás representam entidades espirituais associadas a forças da natureza, como rios, mares, florestas e montanhas evidenciando a profunda relação entre o sagrado e o meio ambiente nas cosmologias afro-brasileiras (Bastide, 1971).

O nome “Tambor de Mina” refere-se tanto ao tambor - principal instrumento ritualístico - quanto à palavra “mina”, de origem banto, que significa “casa”. Frente à repressão das práticas religiosas de matriz africana, os africanos escravizados desenvolveram estratégias de resistência cultural e espiritual. Entre elas, destaca-se a criação das chamadas “casas de mina”, espaços sagrados onde os rituais eram realizados de forma clandestina. Por volta de 1840, foram fundadas as duas primeiras casas: a Casa das Minas Jejê, voltada exclusivamente ao culto dos Voduns; e a Casa de Nagô, ambas localizadas na cidade de São Luís, capital do Maranhão, que era a respeito do culto aos Orixás e Encantados. Essas instituições religiosas mantêm, até os dias atuais, um importante papel na preservação das tradições afro-religiosas.

O Tambor de Mina é caracterizado por uma estrutura matriarcal, na qual as mulheres ocupam posições de liderança espiritual, sendo responsáveis pela condução dos rituais, pela organização das casas e pela transmissão oral dos conhecimentos religiosos. Os homens, no povo Jejê, por sua vez, exercem funções relacionadas ao toque dos tambores e ao suporte ritual, já no Nagô, eles também podem possuir cargos religiosos. O tambor valoriza profundamente a ancestralidade, a natureza e a musicalidade, utilizando o corpo e o som como instrumentos de conexão com os Voduns, Orixás e Encantados. Durante os encontros no terreiro, é comum a incorporação dessas entidades nos corpos dos participantes, estabelecendo, por meio da dança, da música e da alimentação, uma forte ligação entre os mundos espiritual e material.

As práticas religiosas do Tambor de Mina se manifestam por meio de cerimônias que combinam música, dança e oferendas. As rodas rituais utilizam instrumentos como cabaças e ogãs, que possuem valor sagrado e cumprem funções específicas na invocação e manifestação das divindades. Durante os rituais, os Voduns, Orixás e Encantados podem incorporar nos corpos dos iniciados, permitindo a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo dos vivos.

Contudo, como outras religiões de matriz africana, o Tambor de Mina enfrenta desafios relacionados ao preconceito e à desinformação. A persistente veiculação ao mal é fruto de visões coloniais e eurocêntricas que associam negativamente as expressões

religiosas afro-brasileiras. Para combater esse cenário, é fundamental a promoção de estratégias de desmistificação que envolvam a divulgação de informações verídicas, o estímulo ao diálogo intercultural e a valorização da diversidade religiosa. A educação desempenha papel central nesse processo, contribuindo para a formação de uma sociedade mais plural e respeitosa (Moraes, 2020).

Sabendo disso, a escolha da produção de uma série de quatro episódios de podcast voltada para a vivência dos praticantes do Tambor de Mina, surge como uma ferramenta importante para o combate à intolerância religiosa, para o fortalecimento da identidade afro-brasileira e para o registro dos ensinamentos que podem ser repassados. Trata-se de um meio de comunicação acessível, dinâmico e com grande potencial de alcance, capaz de promover narrativas que valorizam a escuta, o testemunho e a memória, sendo um meio eficaz de comunicação e ensinamentos sobre as religiões de matriz africana.

Este trabalho, portanto, propõe-se a refletir sobre a potência do podcast como veículo, em áudio, de expressão cultural, abordando as narrativas orais e as experiências vividas no Tambor de Mina, em diálogo com os estudos da comunicação, da ancestralidade e da religiosidade afro-brasileira.

1. JUSTIFICATIVA

A escolha do tema foi motivada, principalmente, pelo desejo em aprofundar o meu entendimento sobre ancestralidade, origem e espiritualidade e na busca para entender as vivências e experiências dos fiéis. Havia uma necessidade pessoal de conexão com essa parte da minha vida que, embora apreciada, não era compreendida em profundidade. Essa dimensão está relacionada ao lado paterno da família, onde minha avó, Ana Cristina Anchieta, desempenhava um papel central como pilar e matriarca, refletindo o papel ativo das mulheres na liderança e na orientação familiar, conforme preceitos da religião.

Outro objetivo é promover a disseminação de informações precisas e confiáveis sobre a religião, visando proporcionar uma compreensão mais clara e diferenciada do tema. O propósito é entregar conhecimento e refutar afirmações preconceituosas. A intolerância contra religiões africanas é um fenômeno ativo e prejudicial, e àqueles que perpetuam esses estereótipos geralmente possuem visões limitadas e ultrapassadas. Portanto, a desmistificação dessa inverdade torna urgente combater generalizações por meio da educação, da escuta e do diálogo intercultural.

Observa-se que muitas das visões negativas sobre essas religiões estão

associadas à ignorância sobre suas origens, práticas e fundamentos. Frequentemente, quem professa discursos discriminatórios demonstra desconhecimento das distinções entre diferentes religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, a Umbanda e o próprio Tambor de Mina. Dessa forma, esta pesquisa, transformada no podcast **Batidas do Tambor**, busca evidenciar as especificidades dessa tradição, abordando sua história, costumes, festas, práticas espirituais, elementos simbólicos, culinária ritual e instrumentos musicais, com destaque também no papel das mulheres e a importância da ancestralidade.

A produção em podcast também está relacionada a minha afinidade pessoal com a linguagem sonora, que favorece a expressão, a escuta e o compartilhamento de saberes de forma acessível, sensível e envolvente, utilizando a voz para narrar e a inclusão dos ritmos dos tambores para construir a sonoridade. A elaboração do roteiro, a seleção de temas, músicas e entrevistas com praticantes e estudiosos revelou-se um processo motivador e enriquecedor. Outro fator determinante foi a constatação da escassez de materiais objetivos, didáticos e acessíveis sobre o Tambor de Mina, o que evidenciou a necessidade de criar um produto que amplie a visibilidade dessa religião e contribua para sua valorização no campo comunicacional, educacional e cultural.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Produzir uma série, em quatro episódios, como podcast a respeito das experiências e vivências dos fiéis ao Tambor de Mina.

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar e destacar os estereótipos a respeito de religiões de matriz africana
- Distinguir as religiões de matriz africana umas das outras, com foco no Tambor de Mina
- Detalhar e identificar os costumes da religião.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O rádio surge como uma das primeiras formas de comunicação de massa, permitindo o alcance de grandes públicos mesmo nos lugares mais remotos, por meio das ondas hertzianas. A comprovação experimental ocorreu em 1886, com Heinrich Hertz, e,

posteriormente, as aplicações práticas foram desenvolvidas por Nikola Tesla e Guglielmo Marconi. Tesla, inclusive, foi reconhecido pela Corte Americana como o verdadeiro inventor do rádio. A indústria da radiodifusão, contudo, nasceu oficialmente em 2 de novembro de 1920, em Pittsburgh - cidade do estado da Pensilvânia nos Estados Unidos - quando a emissora KDKA foi ao ar, graças à iniciativa de Harry P. Davis, vice-presidente da empresa americana *Westinghouse Electric Corporation* (Jung, 2005, p. 24).

A consolidação desse veículo no Brasil se deu a partir da década de 1920, com a criação das primeiras emissoras, como a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923 (Ferraretto, 2001), pelo antropólogo e cientista Edgar Roquette- Pinto. Segundo Ferraretto (2001), a formação do rádio como veículo de comunicação se deu a partir de uma estrutura técnica voltada inicialmente para fins militares e experimentais, sendo posteriormente apropriada com objetivos comerciais e culturais.

Com o passar do tempo, o rádio foi se transformando, tanto tecnicamente quanto em seus formatos de conteúdo. Esse processo envolveu adaptações ao contexto social e cultural de cada época, mantendo sua capacidade de reinvenção e relevância. No livro *Rádio: O veículo, a história e a técnica*, Ferraretto (2001) afirma que o rádio “sempre buscou se adaptar às condições tecnológicas e culturais de seu tempo, reinventando-se para manter sua função comunicacional e seu vínculo com o público”. A convergência midiática, conceito trabalhado por Roger Fidler (2003), permitiu que meios tradicionais se adaptassem ao digital. Desse contexto, surgiu o podcast, junção de “iPod” e “broadcast”, como nova forma de comunicação sonora.

Essa maleabilidade foi fundamental para que o rádio mantivesse sua importância na paisagem midiática, mesmo diante do surgimento de novas mídias como a televisão e a chegada da internet que hoje permite espaços para divulgação de conteúdos em áudio como as plataformas de *streaming*.

No século 21, com o advento das mídias digitais e o avanço da internet, o rádio encontrou no podcast a possibilidade de ressignificar sua linguagem e ampliar o seu alcance. Kischinhevsky (2014) observa que o podcast pode ser compreendido como uma mídia resultante da convergência entre o rádio tradicional e as plataformas digitais, mantendo elementos como a oralidade e a proximidade com o público, ao mesmo tempo em que se vale de recursos próprios das mídias sociais, como a possibilidade de interação e a segmentação voltada a públicos específicos. Dessa forma, o podcast se configura como uma evolução do rádio, mantendo sua essência sonora e adaptando-se à lógica de

consumo sob demanda, típica da era digital.

Kischinhevsky (2014) reforça essa visão ao afirmar:

O reconhecimento da inserção da radiofonia num complexo midiático que abrange a produção de conteúdos em texto, áudio, vídeo e fotografia é um primeiro passo para compreender as novas lógicas que regem as rotinas de produção, distribuição e consumo do meio, mas, como visto, a convergência midiática é um processo complexo, de múltiplas facetas. (Kischinhevsky, 2014, p. 53).

Essa convergência entre o rádio e as novas tecnologias de informação e comunicação não apenas atualiza o papel do áudio na comunicação contemporânea, como também possibilita novas formas de expressão cultural e identitária. O podcast **Batidas do Tambor**, por exemplo, utiliza a linguagem do rádio e a flexibilidade das plataformas digitais para promover a escuta de vozes historicamente marginalizadas, como as dos praticantes do Tambor de Mina. Por meio da oralidade e da narrativa em áudio, o produto articula memória, resistência e ancestralidade, elementos fundamentais para a compreensão de seu papel comunicacional e cultural.

A oralidade é um elemento fundamental tanto na tradição do Tambor de Mina quanto na linguagem radiofônica e, por consequência, no podcast. Segundo Ong (2002), a oralidade constitui um dos mais antigos modos de transmissão cultural, sendo fundamental para preservar memórias, histórias e valores coletivos em diversas sociedades. No Tambor de Mina, essa oralidade manifesta-se nos cantos, nas narrativas dos mais velhos, nos mitos e nas rezas, elementos centrais para a manutenção e a transmissão dos saberes ancestrais.

Ferretti (2000) destaca que, apesar de antigas e geralmente transmitidas de forma oral, essas narrativas continuam a ser ouvidas e valorizadas pelo povo maranhense, pois correspondem aos seus valores e visão de mundo. Em outra obra, a autora afirma que, por serem transmitidas oralmente, essas histórias se transformaram em relatos míticos (Ferretti, 1994).

Abramo, citado por Jung (2005, p. 81), afirma que “o jornalismo é o exercício diário da inteligência e a prática cotidiana do caráter.” Essa frase sintetiza com precisão a dupla responsabilidade do jornalista: pensar criticamente e agir com ética. No jornalismo sonoro, especialmente em produções como podcasts documentais ou culturais, essa máxima adquire ainda mais relevância.

Produzir conteúdo baseado em entrevistas, relatos e experiências exige sensibilidade, escuta ativa e compromisso com a integridade da fala alheia. O jornalismo não pode ser apenas uma técnica; ele é também postura, ética e responsabilidade diante daquilo que se narra. Isso é essencial quando tratamos de temas ligados à religiosidade, ancestralidade e culturas marginalizadas, como no caso do Tambor de Mina. A escuta de líderes espirituais, médiuns e fiéis deve ser feita com respeito, sem julgamento.

Ao se apropriar dessa dimensão oral, o **Batidas do Tambor** apresenta as tradições comunicacionais afro-religiosas, e também as ressignifica em um ambiente digital, possibilitando sua circulação para além dos terreiros. Conforme Petit (2010), a oralidade nas religiões afro-brasileiras não se configura apenas como um recurso comunicativo, mas revela-se como modo de ser e estar no mundo, permeado por uma lógica própria e integrando corpo, ritmo e espiritualidade.

Essa perspectiva aproxima o podcast das tradições de matriz africana, que valorizam o som, o corpo e o coletivo como formas de transmissão e preservação da memória. O som, enquanto elemento central do rádio e do podcast, é também um meio sensível de resistência e de evocação ancestral. Como explica Luiz (2014), o podcast, por se fundamentar na escuta, proporciona uma experiência comunicativa marcada pela intimidade e pela reflexão, aproximando o ouvinte do conteúdo de maneira afetiva e subjetiva, o que possibilita a ativação de memórias e vivências pessoais.

Segundo Ferraretto (2014, p. 13), "o rádio constitui-se por natureza em um instrumento de diálogo, atento às demandas do público e cioso por dizer o que as pessoas necessitam e desejam ouvir em seu dia a dia."

A escolha por um meio sonoro para potencializar as narrativas do Tambor de Mina evidencia uma estratégia de resistência comunicacional, na qual o som não é apenas veículo de informação, mas também de afeto, de pertencimento e de disputa simbólica. Como afirma Kischinhevsky (2014, p. 69): "O podcasting também facilitaria a distribuição de conteúdos radiofônicos produzidos de forma caseira, graças à popularização de kits multimídia domésticos e softwares de edição de áudio gratuitos.". O podcast amplia as possibilidades do fazer radiofônico, possibilitando também novas formas de expressão cultural e política, especialmente para grupos que historicamente foram marginalizados. Nesse sentido, o podcast se torna uma ferramenta potente de comunicação alternativa, ao fornecer espaços de fala para comunidades negras, de terreiro e periféricas, que muitas vezes são invisibilizadas nos meios de comunicação. Tanto é que, de acordo com a

pesquisa da Kantar Ibope Media (2024)¹ foram apontados dados referentes ao *Target Group Index* e eles revelam que 91% dos brasileiros consomem algum formato de áudio em seu dia a dia. Sendo assim, 9 em cada 10 pessoas ouvem algum conteúdo sonoro,

A escolha das trilhas sonoras em podcasts envolve não apenas critérios estéticos, mas também legais e éticos. Lúcio Luiz (2014) esclarece que:

No caso da utilização de música nos podcasts brasileiros, há os que utilizam apenas músicas com direitos autorais livres (copyleft ou creative commons) e os que usam música comercial, sendo que, nesse caso, também há os que as utilizam sem pagamento de direitos autorais (alegando não lucrar com o podcast, embora não haja amparo legal para isso) e os que são associados à ABPod e pagam um valor simbólico para o Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição). (Luiz, 2014, p. 13).

Essa distinção é essencial para compreender os desafios enfrentados pelos produtores independentes na busca por qualidade sonora sem infringir normas legais. A disponibilização de músicas sob licenças abertas facilita o acesso, mas limita as possibilidades de representação cultural específica. Já o uso de músicas comerciais exige cautela jurídica, e mesmo podcasts que não geram receita não estão isentos da legislação de direitos autorais.

No **Batidas do Tambor**, por exemplo, todas as músicas inseridas nos episódios são da Tribuna Jurandense, um terreiro de Tambor de Mina localizado em São Luís, Maranhão, que possui canal no YouTube e perfil no *Spotify* com cantos sagrados interpretados por Pai Zé Preto de Oxum e Fernando de Iemanjá. A seleção dessas músicas não apenas reforça a identidade religiosa e cultural do podcast, como também respeita a origem das expressões artísticas utilizadas. Para garantir o uso ético e respeitoso dessas trilhas, foi solicitado previamente autorização dos representantes do terreiro, que prontamente deram uma resposta positiva. Esta autorização será incluída nos anexos do presente trabalho, como forma de garantir transparência e legitimidade à escolha sonora do projeto.

3.1 Podcast: consumo sob demanda e reconfiguração da escuta

Além de abordar aspectos culturais e religiosos, o podcast **Batidas do Tambor**

¹ Kantar Ibope 2024. Disponível em: <https://kantariibopemedia.com/inside-audio-2024/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

também articula temas ligados às transformações sociais e comunicacionais. Segundo Primo (2007), o ambiente digital, especialmente no contexto das mídias sociais, promove novas formas de interação e produção de sentido, em que o receptor também se torna produtor de conteúdo. Isso permite que podcasts como este estabeleçam um vínculo mais direto com seus ouvintes e construam comunidades em torno de suas temáticas.

Lúcio Luiz (2014) também aborda as motivações que levam indivíduos a iniciarem podcasts, destacando a pluralidade de propósitos que vão desde a apresentação de produtos e serviços, passando pela expressão de interesses pessoais e profissionais, até a simples diversão e reunião de amigos:

Existem inúmeras motivações para se começar a fazer um podcast: apresentar um produto ou serviço; falar sobre um tema que se goste, estude ou entenda; criar um canal para o seu business; ou simplesmente reunir os amigos para um papo de boteco, estão entre as mais comuns. Mas independente da motivação, observo que TODOS, sem exceção, estão sempre buscando melhorar sua atração e aprimorar sua qualidade para assim ampliar sua audiência e fidelizar ainda mais seus ouvintes. E acredito que seja esse espírito, essa vontade de crescer e se aprimorar a cada programa, que torna o podcast brasileiro tão atraente. (Luiz, 2014, p. 107).

Esse reconhecimento do esforço contínuo por aperfeiçoamento revela a vitalidade e a competitividade do cenário podcaster nacional. Independentemente do objetivo inicial, há uma preocupação constante com a qualidade técnica, o conteúdo a capacidade de engajamento e a veracidade de fatos, fatores decisivos para a consolidação e expansão da audiência. Essa busca pela excelência impulsiona inovações e diversifica os formatos, contribuindo para a riqueza do panorama cultural e comunicacional brasileiro.

No contexto do **Batidas do Tambor**, esse espírito de aprimoramento está presente na dedicação à escuta ativa, no cuidado com a autenticidade das vozes retratadas e na valorização da ancestralidade. Ele nasceu do interesse pessoal pelo tema, que sempre chamou atenção, e da vontade de gerar aproximação das raízes culturais. Ao escolher o Tambor de Mina como eixo temático, cresceu a necessidade de transformar esse interesse em um conteúdo significativo, capaz de informar, sensibilizar e servir de aprendizado tanto pessoalmente quanto para os ouvintes. Assim, o projeto torna-se também uma ferramenta de reconhecimento identitário e de partilha de saberes ancestrais, ampliando seu alcance comunicacional.

O podcast, ao se integrar às mídias sociais, potencializa sua capacidade de engajamento, diálogo e circulação de narrativas alternativas. Ele se torna um espaço não apenas de escuta, mas também de interação, em que os ouvintes podem comentar, compartilhar e até influenciar os rumos da produção sonora. (Kischinhevsky, 2021, p. 83).

Essa característica se revela fundamental também para o **Batidas do Tambor**, que mantém um perfil no Instagram (@podbater_otambor). A convergência entre podcast e redes sociais fortalece o vínculo comunitário e amplia o alcance das vozes que o programa pretende evidenciar. De acordo com Jenkins (2009), essa convergência midiática (TV, internet, games, etc.) cria uma cultura participativa, onde diferentes plataformas se inter-relacionam e os usuários assumem papel ativo na produção e disseminação de conteúdos.

A escuta, nesse contexto, deixa de ser uma prática passiva e se torna um ato político, como sugere Kischinhevsky (2014), ouvir vozes historicamente dissidentes e silenciadas configura um ato de resistência e reconhecimento do outro em sua singularidade e diferença. O podcast, ao recuperar a oralidade e promover escutas atentas, transforma-se em um espaço de cuidado, memória e enfrentamento ao racismo religioso.

Essa escuta ativa e consciente encontra eco em autores como Sandra Petit (2010), que compreende a oralidade como elemento estruturante das pedagogias de resistência nos territórios de terreiro e nos saberes afro-diaspóricos:

A escuta não é apenas um ato sensorial, mas uma prática política. É pela escuta que se dá o reconhecimento do outro, o acolhimento de suas experiências e o rompimento com a lógica colonial que deslegitima saberes não ocidentais. (Petit, 2010, p. 47).

3.2 Convergência midiática e mídias sociais: o rádio no ambiente digital

O **Batidas do Tambor** valoriza a ancestralidade e dá centralidade à experiência dos praticantes do Tambor de Mina, religião afro-indígena que se manifesta principalmente no Maranhão. Ao registrar falas de pais de santo, frequentadores de terreiro e pesquisadores da área, o programa contribui para a construção de uma narrativa que rompe com os silêncios impostos pela colonização e pelo racismo religioso.

Segundo Prandi (2001), as religiões afro-brasileiras sempre foram alvo de preconceito e perseguição, sendo rotuladas como folclore ou superstição. No entanto, tais

tradições expressam visões de mundo complexas, com forte dimensão espiritual, ética, comunitária e musical. O podcast, ao oferecer um espaço de escuta qualificada, reverte essa lógica e atua como um veículo de visibilização desses saberes e vivências.

Os cultos afro-brasileiros, mesmo diante das perseguições históricas, preservaram valores e visões de mundo que resistem à hegemonia cristã e ocidental, mantendo vivas memórias africanas e reinventando-se no Brasil. (Prandi, 2001, p. 102).

Ao ecoar essas sonoridades, a série em áudio se posiciona como um meio sensível e potente para recontar histórias a partir de outra perspectiva. Trata-se de uma escuta que propõe deslocamentos, que descentraliza o olhar eurocêntrico e inscreve no digital uma oralidade carregada de sentidos comunitários, afetivos e espirituais.

De forma semelhante, a obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), exemplifica como narrativas ficcionais também podem cumprir essa função de recuperar a história a partir da perspectiva negra e feminina. O livro, ao ser estruturado como uma carta e ao valorizar a voz da personagem Kehinde, estabelece um elo com a tradição oral africana e com a ideia de que falar, contar e lembrar são atos de resistência. O podcast, ainda que em outro gênero, ampliando as vozes de quem vive do Tambor de Mina, partilha dessa lógica narrativa.

3.3 Jornalismo sonoro e ancestralidade: ética, escuta e resistência

O percurso teórico desenvolvido neste capítulo buscou refletir sobre as potencialidades do podcast como meio de comunicação e registro cultural, especialmente quando articulado a práticas de escuta, oralidade e ancestralidade, como no caso do projeto **Batidas do Tambor**. A partir dos estudos de Ferraretto (2001) e Kischinhevsky (2014), compreendeu-se a evolução do rádio para o podcast, observando como essa mídia amplia a possibilidade de circulação de vozes marginalizadas e de narrativas contra-hegemônicas.

Nesse novo ambiente digital, os papéis de emissor e receptor também se modificam. O modelo “*emirec*”, como propõe Cebrián Herreros (*apud* Kischinhevsky, 2014, p. 99), transforma o ouvinte em agente participativo: “Internet abre caminho para um novo rádio de intercomunicação oral e sonoro entre os usuários, no qual se desenvolve o modelo ‘*emirec*’ (emissor-receptor), com uma complexidade em que se perde a hegemonia

do emissor frente ao receptor [...]”. Esse modelo de comunicação dialógica está presente na proposta do **Batidas do Tambor**, que se baseia na escuta de vozes reais, na troca afetiva e na valorização da ancestralidade por meio da oralidade e da memória coletiva

Ao incorporar autores como Prandi (2001), Petit (2010) e Ferretti (1994/2000) o referencial aprofundou-se na importância da religiosidade afro-brasileira como matriz de resistência e elaboração de sentidos, ressaltando o papel central do Tambor de Mina como expressão de identidade, memória e luta. Além disso, ao dialogar com produções como Tituba (Condé, 2019), Os Tambores de São Luís (Montello, 1975), Um Defeito de Cor (Gonçalves, 2006) e Úrsula (Reis, 1859), o texto evidenciou como a literatura negra e decolonial também opera como espaço de escuta e visibilização de histórias silenciadas pela história oficial.

O podcast **Batidas do Tambor**, ao propor um mergulho sonoro nas experiências de praticantes do Tambor de Mina, reafirma a potência da comunicação alternativa como ferramenta de transformação social e de fortalecimento identitário. Por meio da oralidade, da escuta ativa e do uso crítico das mídias digitais, o programa cria um espaço de fala afetivo para os sujeitos históricos de uma tradição ainda marcada pelo preconceito religioso.

Jung (2005, p. 82) reforça esse ponto ao afirmar: “O jornalismo pressupõe verdade. Falta com esta quem, para conseguir a informação, atropela o direito do cidadão, entende que vale qualquer meio para se chegar ao fim e não pratica sua profissão com caráter, como ressaltou Cláudio Abramo.” A busca pela verdade não pode se dar à custa da ética. Em uma era de hiperconexão, onde os dados circulam com velocidade e a desinformação se alastra com facilidade, o compromisso ético do jornalista é ainda mais importante.

O processo de escuta e produção deve ser cuidadoso, honesto e justo. No caso do podcast **Batidas do Tambor**, isso se traduz na escolha de fontes reais, no respeito às falas dos entrevistados e na não distorção de suas vivências. A responsabilidade do jornalista está em dar voz sem usurpar a narrativa do outro, e esse compromisso está diretamente ligado ao caráter que Abramo aponta como essencial à prática da profissão. Esse conjunto teórico fundamenta e orienta a análise do podcast e sustenta a proposta deste trabalho de conclusão de curso, que visa não apenas refletir sobre uma produção midiática específica, mas também contribuir para o reconhecimento e valorização das culturas afro-indígenas no Brasil contemporâneo.

4. ESTRUTURA DO PRODUTO

A ideia para o **Batidas do Tambor** surgiu do meu desejo pessoal, buscando conhecer mais sobre a religião Tambor de Mina. Sempre que viajava para São Luís (MA) e ouvia histórias relacionadas à religiosidade afro-maranhense, eu sentia crescer a necessidade de compreender melhor aquelas práticas espirituais. Por afinidade com o radiojornalismo e interesse pela linguagem sonora, a ideia inicial sempre foi a de produzir um podcast.

Durante o processo de definição do tipo de produto e do recorte, cogitei a produção de um documentário sobre a Festa do Divino, tradicional celebração maranhense que ocorre em agosto, na Casa Fé, Esperança e Caridade, mas por limitações de tempo, a proposta foi deixada de lado, retornando-se ao podcast. A escolha de abordar os fiéis do Tambor de Mina e utilizar o termo “mineiros” no título partiu de uma memória afetiva familiar, remetendo à forma como meu padrinho se referia, de maneira brincalhona, à minha madrinha, médium da religião.

4.1 Proposta editorial e linha temática

O foco do podcast foi compreender as vivências das pessoas que integram a religião, suas descobertas espirituais, trajetórias, preconceitos enfrentados e as particularidades do Tambor de Mina. A proposta foi construir um material diverso, que fosse ao mesmo tempo informativo, afetivo e educativo. A narrativa do podcast, portanto, se estrutura a partir de entrevistas que revelam não apenas dados sobre a religião, mas também sentimentos, memórias e pertencimento.

4.2 Entrevistas e produção de conteúdo

A primeira entrevista ocorreu no dia 18 de fevereiro de 2025 com a professora Herli Carvalho, coordenadora do curso de Pedagogia da UFMA, no laboratório de rádio da universidade, para garantir a melhor qualidade sonora possível. Com duração média de 30 minutos, a entrevista abordou aspectos técnicos e históricos da religião, como a origem do nome Tambor de Mina, espiritualidade e o período colonial.

A partir desse encontro, foi possível entrevistar o babalorixá David Brandão, também em Imperatriz, no laboratório da UFMA, no dia 6 de março de 2025. Suas declarações trouxeram reflexões sobre a liderança espiritual, identidade de gênero e

sexualidade no terreiro, além da relação com as entidades.

Em maio, realizei minha viagem a São Luís para mais entrevistas. Inicialmente, a proposta era conversar com membros de um terreiro (o mais velho e o mais novo), mas, ao refletir sobre a importância das minhas raízes familiares, decidi incluir familiares próximos no projeto. Ainda assim, no dia 19 de maio, fiz a entrevista com Divaldo José, pai de santo da casa Fé, Esperança e Caridade, localizada em São José de Ribamar. Com mais de uma hora de duração, a conversa abordou temas amplos da religião e do cotidiano do terreiro.

Na mesma noite, entrevistei Carleane Cordeiro, dançante da casa, cuja entrevista durou cerca de 35 minutos. Apesar de dificuldades na captação do áudio, devido ao tom de voz baixo da entrevistada, foi feito o máximo para preservar a qualidade durante a edição.

No dia seguinte, 20 de maio, foram realizadas duas entrevistas familiares: com minha tia Joseana Anchieta (às 16 horas) e com minha madrinha Dayana Anchieta (às 18 horas), ambas com duração média, cada uma, de 35 minutos. As conversas trouxeram à tona as relações afetivas com o terreiro, espiritualidade, e o papel familiar no apoio à religiosidade.

4.3 Trilha sonora e direitos autorais

Toda a trilha sonora do podcast foi selecionada a partir do canal "Tribuna Jurandense", presente no YouTube e *Spotify*. As músicas são cantadas por Pai Zé Preto de Oxum e Fernando de Iemanjá, integrantes de um terreiro de Tambor de Mina localizado em São Luís. Entrei em contato com os responsáveis pelo canal no dia 13 de janeiro de 2025 e recebi autorização oficial dias depois, em 16 de janeiro. O documento está nos anexos deste trabalho.

Como destaca Luiz (2010),

no caso da utilização de música nos podcasts brasileiros, há os que utilizam apenas músicas com direitos autorais livres [...] e os que usam música comercial [...] também há os que as utilizam sem pagamento de direitos autorais [...] e os que são associados à ABPod e pagam um valor simbólico para o Ecad [...]. (Luiz, 2010, p. 13).

No caso de **Batidas do Tambor**, optei por respeitar os direitos dos autores das

músicas, solicitando autorização direta, respeitando os princípios éticos do jornalismo e da produção sonora.

4.4 Edição, roteiro e sonoplastia

Após o fim das entrevistas, as falas foram cortadas e organizadas por temas. A produção dos roteiros dos episódios contou com a inserção de livros indicados a cada episódio, como forma de ampliar o conhecimento sobre os temas abordados. Os roteiros foram enviados à professora doutora Izani Mustafá, orientadora do trabalho, no dia 18 de junho, e devolvidos com correções em 21 de junho de 2025.

Em seguida, foi feita a seleção das músicas temáticas para cada episódio, bem como a definição dos participantes e dos livros relacionados:

- **Episódio 1 – "Pais de santo e os tambores de mina"**

Música: *É de Nagô*

Livro: *Os tambores de São Luís*, de Josué Montello Participantes:

Divaldo José, Herli Carvalho e David Brandão.

- **Episódio 2 – "Deus ou Olorum?"** Música:

Meu Deus, quando Tu me ver Livro: *Úrsula*,

de Maria Firmina dos Reis

Participantes: Divaldo José, Herli Carvalho e David Brandão.

- **Episódio 3 – "Mediunidade no Tambor de Mina"**

Música: *Sou João*

Livro: *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves Participantes:

Carleane Cordeiro, Divaldo José e David Brandão.

- **Episódio 4 – "Família"**

Música: *Oxum, minha mãe guerreira*

Livro: *Tituba: bruxa negra de Salém*, de Maryse Condé

Participantes: Joseana Anchieta, Dayana Anchieta, Divaldo José e Herli Carvalho.

Além das músicas temáticas, o podcast possui vinhetas e trilhas específicas:

- Abertura: *Cânticos – Abertura do Tambor 1*
- Transições: *Pontos variados de Tambor de Mina*

- Intervalo: *Cânticos – Abertura do Tambor 2*
- Encerramento: *Brincar em Mina*

As sonoras da vinheta foram gravadas por Maria Luísa Anchieta e Lucas Moreira, meus irmãos, com o objetivo de dar identidade ao projeto e reforçar sua ligação familiar e afetiva com o tema.

A gravação das demais sonoras foi feita em 30 de junho de 2025, no laboratório de rádio do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz. A edição foi realizada ao longo de uma semana, com apoio da Rosana Barros, técnica de rádio, utilizando os *softwares Adobe Audition e Sony Vegas Pro*.

4.5 Divulgação e lançamento

As artes dos episódios foram elaboradas utilizando Inteligência Artificial como base visual, posteriormente editadas no Canva. Os episódios foram publicados um por dia, entre 9 e 12 de julho de 2025, às 20 horas, tanto no *Spotify* quanto no perfil oficial do podcast no Instagram (@podbater_otambor).

Cada edição teve a seguinte duração:

- Episódio 1: 34 minutos
- Episódio 2: 33 minutos
- Episódio 3: 34 minutos
- Episódio 4: 41 minutos

4.6 Considerações sobre a produção

Para mim, a construção do podcast **Batidas do Tambor** representa não apenas um exercício acadêmico, mas também um processo de autoconhecimento e reconexão com a ancestralidade. Como aponta Luiz (2010, p. 107), “Independente da motivação, observo que TODOS, sem exceção, estão sempre buscando melhorar sua atração e aprimorar sua qualidade para assim ampliar sua audiência [...]”. Essa busca pela qualidade e pelo aprimoramento guiou todas as etapas da produção, com o desejo de transformar a experiência pessoal em uma narrativa coletiva, informativa e sensível. A escolha do tema, portanto, veio de um lugar de afeto, curiosidade e identidade, com a intenção de oferecer ao público um conteúdo que amplie visões e combata o

preconceito religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do podcast **Batidas do Tambor** possibilitou não apenas a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Jornalismo, mas também promoveu um mergulho profundo em uma manifestação religiosa pouco abordada na grande mídia: o Tambor de Mina. A escolha por esse tema partiu de um desejo pessoal de reconexão com as minhas próprias raízes e de valorização das vivências de pessoas que integram essa religião, contribuindo para o combate ao preconceito e à intolerância religiosa e à invisibilização histórica das tradições afro-brasileiras.

Durante o desenvolvimento do produto, consegui explorar as técnicas do radiojornalismo por meio de entrevistas cuidadosamente conduzidas, com vozes diversas e potentes, que trouxeram pluralidade de visões sobre espiritualidade, ancestralidade, identidade e resistência. As entrevistas aconteceram em diferentes cidades, o que conferiu amplitude geográfica e cultural ao conteúdo. O planejamento de roteiro e edição se estruturou com base em fundamentos teóricos sólidos, articulando autores como Ferraretto (2001/2014), Prandi (2001/2005), Jung (2005), Kischinhevsky (2014) e Luiz (2014), entre outros, e incluindo referências literárias negras em cada episódio para ampliar o caráter educativo e formativo da produção.

Todos os episódios contaram com trilhas cuidadosamente selecionadas e autorizadas pelo canal *Tribuna Jurandense*, o que reforça a preocupação ética e estética do trabalho. Além disso, o uso de ferramentas como *Adobe Audition*, *Vegas Pro*, *Canva* e a Inteligência Artificial (apenas para criação dos cards de divulgação), possibilitaram o domínio técnico das etapas de sonoplastia, edição e produção visual, consolidando o projeto como um produto jornalístico multimídia completo.

Ao final da experiência, acredito que o podcast cumpriu seu papel enquanto meio de comunicação e instrumento de valorização cultural. Mais do que um Trabalho de Conclusão de Curso, **Batidas do Tambor** tornou-se um registro sonoro de histórias de fé, de luta e de pertencimento. O processo foi, ao mesmo tempo, profissional e afetivo, revelando o potencial do jornalismo para contar histórias que conectam passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. (1978). **O Candomblé da Bahia: Rituais e Doutrinas**. Editora Civilização Brasileira.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição à sociologia das interpretações de civilizações**. São Paulo: Pioneira, 1971.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba: bruxa negra de Salem**. Tradução de Natália Borges Poleso. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra, Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Maranhão encantado: encantaria maranhense e outras histórias**. São Luís: UEMA, 2000.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Terra de caboclo**. São Luís: SECMA, 1994.

FIDLER, Roger. **Mediamorfose: compreender as novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006. JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a mídia entre o antigo e o novo**. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2005.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: práticas de produção e consumo na era da convergência**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LUIZ, Lúcio. **Podcast: produção, cultura e mercado**. São Paulo: Marsupial, 2014.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MORAES, Leandro. **Podcast como mídia alternativa: linguagem, formatos e narrativas no jornalismo digital**. São Paulo: Intercom, 2020.

ONG, Walter J. **Oralidade e escrita: a tecnologia da palavra**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

PETIT, Sandra. **Identidade, diferença e oralidade nas religiões afro-brasileiras: a escuta como metodologia**. In: Revista Estudos Feministas, v. 18, n. 2, p. 377-390, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Religião e sociedade: uma introdução à sociologia das religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Nas pegadas dos voduns**: um terreiro de Tambor de Mina em São Paulo. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2005.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador**: Comunicação, Cibercultura, Cognição *Porto Alegre*: Sulina, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1859.

SILVA, Maria. **Religião e identidade cultural no Maranhão**: o papel do Tambor de Mina. São Luís: EDUFMA, 2012.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. 8. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

ANEXOS

Roteiro dos Episódios Episódio 1

PODCAST BATIDAS DO TAMBOR: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS “MINEIROS”

EPISÓDIO 1 - PAIS DE SANTO E OS TAMBORES DE MINA

VINHETA DE ABERTURA (Cânticos - Abertura do tambor I)

EDUARDA ANCHIETA: “Até ali, // os tambores da Casa-Grande das Minas tinham seguido seus passos, // e ele via ainda os três tamboreiros, // no canto esquerdo da varanda, // rufando forte os seus instrumentos rituais, // com o acompanhamento dos ogãs e das cabaças.”

É de nagô (1:30 a 1:38)

EDUARDA ANCHIETA: Prestaram atenção nos instrumentos ditos nesta citação? // Pois é, // foi o toque deles que vocês acabaram de ouvir, // e ao longo deste primeiro episódio, eles serão mencionados muitas vezes. // Então, se prepare aí, // porque tá vindo uma coisa muito forte. Primeiro, // deixa eu me apresentar. / Eu me chamo Eduarda Anchieta, // sou estudante do curso de Jornalismo, na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, // e você está ouvindo a primeira temporada do podcast - Batidas do tambor: Vivências e experiências dos “mineiros”, / onde, vamos focar sobre as belezas da religião de matriz africana, o tambor de mina. // Então, seja muito bem vindo!

VINHETA DE PASSAGEM (Pontos variados de tambor de mina)

Bom, // eu li para vocês a primeira frase do livro “os tambores de São Luís” - de Josué Montello // e a cada uma das quatro edições vou indicar um livro que retrata a história do povo preto / e das religiões que vieram com eles! /

Então senta, pegue sua pipoca, apure seus ouvidos // e abra sua mente e coração para ouvir e absorver a riqueza da cultura e da história desse povo. // E me diz se tem maneira melhor de começar // do que trazendo os próprios pais de santo em carne, osso e voz // pra contar pra gente e nos fazer emergir nessa história. // Os convidados de hoje são o babalorixá David Brandão, de um terreiro de tambor, umbanda e candomblé, localizado na cidade de Imperatriz / e o pai de santo Divaldo José, do terreiro de tambor de mina, localizado em Ribamar, / na cidade de São Luís. // Sem mais enrolação, vamos ouvi-los. //

(Música de transição: Cânticos - Abertura do tambor II)

Sonora 1 - APRESENTAÇÃO DAVID BRANDÃO - 56 SEGUNDOS

Sonora 2 APRESENTAÇÃO DIVALDO JOSÉ - 27 SEGUNDOS

EDUARDA ANCHIETA: Você percebeu que nenhum dos dois falou a palavra “macumba”? // Pois é, vou te contar mais sobre isso mais adiante, neste episódio./ Então fica com a gente aí. // Talvez você se pergunte o que a palavra que Divaldo comentou, “fidalgo”, signifique. // Ela significa indivíduo com título de nobreza, ou um aristocrata. // Tá, eu não sei vocês mas eu tô curiosa pra saber como eles conheceram o tambor de mina. // Senhores, vocês poderiam nos dizer mais sobre? //

Sonora 3 COMO CONHECEU E INGRESSOU NA RELIGIÃO (DAVID) - 1 min e 23 seg

Sonora 4 COMO CONHECEU A RELIGIÃO (DIVALDO) - 1 min e 44 seg

EDUARDA ANCHIETA: Gente, // vocês repararam em um acontecimento em comum, ou foi só eu?. / Parece que na juventude, o mal-estar sem explicação médica foi uma característica da espiritualidade para os dois. // David comentou como acabou ingressando na religião, // mas como foi para ele se tornar um líder religioso?

Sonora 5 COMO VIROU PAI DE SANTO (DAVID) - 1 min e 07 seg

EDUARDA ANCHIETA: Sabemos um pouco mais da história de David agora, // vamos ouvir como foi para Divaldo?

Sonora 6 COMO INGRESSOU NA RELIGIÃO (DIVALDO) - 1 min e 10 seg

Sonora 7 38 ANOS DE FUNCIONAMENTO (DIVALDO) - 35 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ouviram Divaldo dizer “Casa das Minas e Casa de Nagô”? // A primeira foi citada no início do episódio, // mas e essa Casa de Nagô, o que será que é? //

Sonora 8 CASA DAS MINAS, NAGÔ E JÊJÊ (DIVALDO) - 2 min e 24 seg

EDUARDA ANCHIETA: E entendendo mais um pouco do que é cada uma, e quais outras diferenças elas possuem, // o David vai comentar mais algumas características dessas casas. /

Sonora 9 MINA NAGÔ E MINA JÊJÊ (DAVID) - 1 min 28 seg

EDUARDA ANCHIETA: Vou chamar mais uma convidada para falar pra gente sobre como, // no processo de colonização, / essas religiões foram trazidas, já que os seus

vieram forçados // e a sua fé, eles não iriam largar. // A professora Herli Carvalho, coordenadora do curso de Pedagogia da UFMA, campus Imperatriz, // vai aparecer mais algumas vezes para nos informar a respeito de diversas curiosidades. //

Sonora 10 APRESENTAÇÃO HERLI - 3 seg

Sonora 11 FALANDO SOBRE A VINDA DAS RELIGIÕES AFRICANAS AO BRASIL (HERLI) - 39 seg

EDUARDA ANCHIETA: Já que ela nos relatou isso, // tenho mais umas perguntas pra Divaldo e David. // Como que o tambor de mina se fixou aqui no Maranhão // e por que será que ela leva esse nome? //

Sonora 12 COMO A RELIGIÃO CHEGOU (DIVALDO) - 2 min e 09 seg

Sonora 13 O QUE É O TAMBOR DE MINA (DAVID) - 1 min e 33 seg

EDUARDA ANCHIETA: Olha a menção a Casa das Minas e o povo Jêjê de novo, gente. // Professora Herli, e a senhora, // pode explicar sobre o porquê do nome “tambor de mina” e o que você entende ser a religião? //

Sonora 14 TAMBOR E MINA (HERLI) - 36 seg

Sonora 15 O QUE ELA ENTENDE SER O TAMBOR DE MINA (HERLI) - 11 seg

EDUARDA ANCHIETA: E falando sobre espiritualidade, // Professora Herli, qual a importância da espiritualidade? //

Sonora 16 IMPORTÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE (HERLI) - 50 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ah certo, acho que entendi. // David, poderia nos detalhar sobre a diversidade cultural dessas religiões?//

Sonora 17 DIVERSIDADE CULTURAL NAS RELIGIÕES (DAVID) - 1 min e 19 seg

EDUARDA ANCHIETA: Sabemos que o catolicismo tem os dez mandamentos. // E as religiões de matriz africana, possuem algo do tipo? // Quais seriam os ensinamentos do tambor de mina? Pode nos falar, seu Divaldo?//

Sonora 18 ENSINAMENTOS DO TAMBOR DE MINA (DIVALDO) - 1 min e 25 seg

Sonora 19 O QUE ENSINA ÀS CRIANÇAS (DIVALDO) - 1 min e 26 seg

EDUARDA ANCHIETA: É incrível como tudo isso gera transformação na comunidade, né? // David, aproveitando, posso te fazer uma pergunta que fiquei aqui pensando? // A gente sabe que, em muitas interpretações da Bíblia, a homossexualidade é vista como pecado. // Mas e nas religiões de matriz africana? As entidades têm alguma visão ou opinião sobre

o gênero e a sexualidade dos seus filhos?//

Sonora 20 SEM JULGAMENTOS, ENTIDADES RESPEITAM (DAVID) - 1 min e 31 seg

Sonora 21 COLETIVIDADE E INCLUSÃO (DAVID) - 1 min e 25 seg

EDUARDA ANCHIETA: É realmente preciso cuidar do próprio caminho antes de querer corrigir o do outro. // Mas tá na hora, chegou o momento de eu matar a curiosidade de vocês sobre “macumba”.// Divaldo, o que seria a macumba e o porquê desse termo?//

Sonora 22 MACUMBA É UMA ÁRVORE (DIVALDO) - 53 seg

EDUARDA ANCHIETA: E calma aí porquê a professora Herli também quer comentar sobre.//

Sonora 23 MACUMBA É UMA ÁRVORE (HERLI) - 38 seg

EDUARDA ANCHIETA: Tá vendo, gente? // Macum é só uma árvore, a prática de feitiçaria e magia não pode ser atribuída e veiculada a todas e somente às religiões advindas da África. Tá bom então? // Fechado esse assunto, certo?// Agora, estamos quase finalizando esse episódio, // quero perguntar mais sobre a vida fora do terreiro. Já te atrapalhou em algo, Divaldo? //

Sonora 24 SE JÁ ATRAPALHOU EM ALGO (DIVALDO) - 1 min e 06 seg

EDUARDA ANCHIETA: E para vocês dois, David e Divaldo// quais as maiores realizações vindas da sua crença no tambor de mina?//

Sonora 25 MAIOR REALIZAÇÃO ADVINDA DA CRENÇA (DAVID) - 57 seg

Sonora 26 MAIOR CONQUISTA (DIVALDO) - 44 seg

EDUARDA ANCHIETA: Gente, que incrível, né? Deve ser uma sensação realmente mágica. // E já que estamos chegando ao fim do episódio — eu sei, dá até uma peninha. // Vou fazer só mais uma perguntinha. // Mas calma, não fiquem tristes! Ainda vem muito conteúdo nos próximos três episódios.// E nada de se despedir dos pais de santo nem da professora Herli, viu? // Eles ainda vão voltar para compartilhar mais histórias e experiências maravilhosas com a gente. //Divaldo, tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de acrescentar antes da gente encerrar por aqui? //

Sonora 27 CASA DE MINA É SEGREDO (DIVALDO) - 1 min e 06 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ah, // então quer dizer que existe uma diferença entre as religiões trazidas da África... // Mas o que será de tão diferente? Será que os santos mudam? Será se os ensinamentos são outros? // Isso vocês vão descobrir nos próximos episódios! //

Então não deixem de acompanhar! // Obrigada a você que ouviu até aqui e obrigada aos líderes Divaldo José e o David Brandão por responderem às nossas dúvidas. // Até a próxima batida desse tambor!

VINHETA DE ENCERRAMENTO (Brincar em mina '0:55 a 1:10')

Ficha técnica

VOCÊ OUVIU O **PODCAST BATIDAS DO TAMBOR: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS "MINEIROS"**, UMA PRODUÇÃO DE MARIA EDUARDA ANCHIETA, COMO PRODUTO DE TCC DO CURSO DE JORNALISMO DA UFMA, CAMPUS IMPERATRIZ. GRAVAÇÃO DAS VINHETAS: MARIA LUÍSA ANCHIETA. APOIO TÉCNICO: ROSANA BARROS. Orientação é da professora doutora Izani Mustafá.

TEMPO MÉDIO (35 MINUTOS)

Episódio 2

PODCAST BATIDAS DO TAMBOR: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS "MINEIROS"

EPISÓDIO 2 - DEUS OU OLORUM?

VINHETA DE ABERTURA (Cânticos - Abertura do tambor I)

EDUARDA ANCHIETA: "Eu creio em Deus, sinhô, // mas creio também nos orixás; fui criado assim, e meu coração sente que é verdade. // Deus é um só, mas tem muitos nomes. // Os orixás são como santos que ajudam os homens, como os santos dos brancos. // O que importa é ter fé, é fazer o bem, é não esquecer de quem sofre." //

Meu Deus queira me valer (0:37 a 0:46)

EDUARDA ANCHIETA: Oi gente, // bem vindos ao segundo episódio do podcast - Batidas do tambor: // Vivências e experiências dos "mineiros". Relembrando, // essa apresentadora que vos fala se chama Eduarda Anchieta.// E como prometido no primeiro episódio, // o livro da citação inicial é "Úrsula" de Maria Firmino dos Reis, // onde também é retratado a escravidão e como era para os escravos viverem a sua espiritualidade, // fiz essa escolha de trecho do livro porque condiz justamente com o tema do episódio de hoje, // então vamos lá?//

VINHETA DE PASSAGEM (Pontos variados de tambor de mina)

Bom, // no episódio anterior nós contamos com a participação de dois pais de santo, // o Divaldo José e o David Brandão, os dois sendo líderes religiosos de terreiros de tambor de mina. // E ainda pudemos ouvir alguns comentários extras da professora Herli Carvalho, // que faz parte do corpo docente da UFMA. // Lembra que eu falei pra

vocês para não se despedirem deles ainda? // Pois é, eles ainda vão aparecer ao longo dos próximos episódios, sem desespero.//

O episódio anterior foi encerrado com um questionamento, lembram? // Pois é agora mesmo que eu vou matar essa pulguinha que ficou atrás da orelha de vocês. // Vamos ouvir o que eles têm a dizer sobre as diferenças entre si das religiões de matriz africana? // Professora Herli, o que tem a dizer sobre?

Sonora 1 - CANDOMBLÉ, UMBANDA E TAMBOR DE MINA (HERLI) - 41 seg

EDUARDA ANCHIETA: Certo, professora. // E no episódio 1, o Divaldo comentou que os elementos que compõem os terreiros em si, são diferentes, // mas você poderia nos dar maiores exemplos sobre, seu Divaldo? //

Sonora 2 - DIFERENÇA ENTRE TAMBORES (DIVALDO) - 1 min e 32 seg

EDUARDA ANCHIETA: Gente, então os instrumentos também se diferem, mas vocês reconheceram algum desses? // Não? Pois deixa comigo que eu vou contextualizá-los. // Um agogô é tipo um sino sem badalo // onde é golpeado para projetar o som, // ele pode ter de dois até quatro cones ocos. // O tarol é um instrumento de percussão, onde é tocado com o uso de baquetas. // Já os maracás, são instrumentos de origem indígena, parecido com um chocalho. // O seu interior é oco e nele são postas pedras, sementes ou pequenos objetos para projetar o som. //

SONORAS: AGOGÔ, TAROL E MARACÁS APÓS AS FALAS DE CADA UM

EDUARDA ANCHIETA: Falamos sobre os instrumentos, // mas e as entidades e os santos, Divaldo, // são os mesmos entre as religiões?

Sonora 3 - DIFERENTES MAS OS SANTOS SÃO OS MESMOS (DIVALDO) - 1 min e 01 seg

Sonora 4 - ORIXÁS IGUAL A SANTO (DIVALDO) - 52 seg

EDUARDA ANCHIETA: Peraí, seu Divaldo, // mas como eu consigo diferenciá-los? // Por exemplo, eles possuem algo que os individualizem? //

Sonora 5 - DIFERENÇAS ENTRE ENTIDADES (DIVALDO) - 1 min e 09 seg

EDUARDA ANCHIETA: Parece que quando o tópico é bebida para os caboclos eles não são muito criteriosos, né. // Certo, acho que já podemos ter uma ideia das diferenças entre as religiões. // Professora Herli, a senhora gostaria de complementar com algo a mais?

Sonora 6 - ALTARES, GIRAS E TAMBORES (HERLI) - 1 min e 13 seg

EDUARDA ANCHIETA: Fechado esse tópico. // Então, eu gostaria de perguntar como são os encontros nos terreiros de vocês, // como funciona em cada um?// David, começa por você e depois Divaldo dá a sua explicação.

Sonora 7 - COMO ACONTECE OS ENCONTROS EM UM TERREIRO DE UMBANDA (DAVID) - 1 min e 28 seg

Sonora 8 - DIAS DE MESA BRANCA (DIVALDO) - 48 seg

EDUARDA ANCHIETA: E como são os dias de cura e de tambor no seu terreiro, seu Divaldo? // Vocês seguem um calendário específico?//

Sonora 9 - DIAS DE CURA (DIVALDO) - 1 min e 16 seg Sonora 10

- DIAS DE TAMBOR (DIVALDO) - 1 min e 31 seg

EDUARDA ANCHIETA: No terreiro de Divaldo é seguido dessa forma, mas e no seu David, também é assim?

Sonora 11 - VINCULADAS AO CALENDÁRIO DA IGREJA CATÓLICA (DAVID) - 15 seg

EDUARDA ANCHIETA: Que interessante, // então quer dizer que o tambor de mina segue o calendário católico.// Falando em catolicismo, como ficam as entidades nessa história, // elas são a mesma coisa que os santos? Como é a relação entre o Deus católico e as religiões africanas, seu Divaldo? //

Sonora 12 - SUA VERSÃO NO TAMBOR DE MINA (DIVALDO) - 1 min e 15 seg

Sonora 13 - O DEUS É O MESMO (DIVALDO) - 49 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ouviram, gente? Olorum é Deus, // apenas com uma nomenclatura diferente. // Mas não se enganem. // Ele é a divindade suprema, então não existe maneira de incorporá-lo. // Ele não é um orixá nem entidade de incorporação, // o corpo humano não suportaria tal energia. // Como assim energia, você me pergunta? // Vou pedir para a professora Herli contextualizar um pouco para que vocês entendam melhor.//

Sonora 14 - ENTIDADES NÃO CABEM NO CORPO HUMANO (HERLI) - 38 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ah sim, a professora comentou uma palavrinha que não tínhamos ouvido ainda. // Um “obsessor” são aqueles espíritos ruins, // os que causam e se alimentam do caos, // aqueles que buscam instigar a maldade nos seres humanos que ainda estão encarnados na Terra. // Mas não sejam ingênuos, os obsessores são mais fáceis de se esbarrar do que vocês pensam, // e eles influenciam sim o encarnado que estiver próximo a ele. // Eles são espíritos invejosos, // que mesmo após a morte, não conseguiram se

desprender do mundo dos vivos. // Falando em “morte”, vamos entender um pouco sobre como as religiões africanas lidam com o luto?// Vamos ouvir o pai de santo Divaldo.

Sonora 15 - LUTO (DIVALDO) - 1 min e 26 seg

EDUARDA ANCHIETA: Divaldo comentou sobre os rosários, // eu tô com uma dúvida, como será que são feitos esses rosários? // O que as contas significam, e para que elas servem? //

Sonora 16 - SIMBOLOGIA DAS CONTAS (DIVALDO) - 1 min e 16 seg

EDUARDA ANCHIETA: E no seu terreiro, David, como funciona? // Também são feitos rosários?//

Sonora 17 - GUIAS NA UMBANDA (DAVID) - 1 min e 23 seg

EDUARDA ANCHIETA: A “proteção” a qual David se refere, // pode servir justamente para afastar um obsessor de um filho de santo, // mas existem outras maneiras também de se livrar de uma alma com esse tipo de energia, // e elas são informadas ao solicitante durante os dias de cura, no terreiro. // Vamos escutar mais um pouco sobre isso? // A professora Herli realizou uma atividade junto com o Centro de Cultura Negra Negro Cosme // que é diretamente ligada aos dias de cura.

Sonora 18 - BANHOS E ERVAS (HERLI) - 50 seg

EDUARDA ANCHIETA: Os banhos e os remédios são indicados e ofertados durante as consultas nos dias de cura, no terreiro, // já que esses momentos são especialmente para isso, pois é quando as entidades vêm em terra a serviço, // para ajudar e curar aqueles que procuram a espiritualidade. // Mas como será que esses remédios são feitos? // São coletados diretamente da natureza, pode pegar qualquer um ou são só feitos com ervas? // Vou pedir para o Divaldo me responder essa dúvida!//

Sonora 19 - RELAÇÃO COM A NATUREZA (DIVALDO) - 59 seg

EDUARDA ANCHIETA: Perceberam Divaldo comentando que a relação que o terreiro tem com a natureza é muito respeitosa? // Claro que isso também se dá graças às entidades e aos orixás, // que são diretamente ligados ao meio ambiente e toda essa energia que o cerca. // Mas seu Divaldo, // pode explicar mais sobre esse respeito e como ele é aplicado durante as atividades do terreiro?//

Sonora 20 - TAMBOR DE MINA E O RESPEITO À NATUREZA (DIVALDO) - 1 min e 18 seg

EDUARDA ANCHIETA: E a partir dessa declaração de Divaldo, estamos nos encaminhando para o final do nosso segundo episódio. // Mas depois de ouvir tudo isso, não posso deixar de me perguntar como que ainda podem surgir falas e

situações preconceituosas! // A única coisa que ouço sobre as religiões de matriz africana é sobre respeito, amor a Deus e ao próximo, vocês concordam comigo, gente?. Então, agora eu tenho questionamentos para os três: vocês já vivenciaram esses preconceitos? // Já se desestabilizaram por isso?//

Sonora 21 - PRECONCEITOS A RELIGIÕES TRAZIDAS DA ÁFRICA (DIVALDO) - 1 min e 50 seg

Sonora 22 - PRECONCEITOS CONTRA AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA (DAVID) - 1 min e 10 seg

Sonora 23 - PRECONCEITO E ENCRUZILHADA (HERLI) - 1 min e 11 seg

EDUARDA ANCHIETA: Vamos encerrar trazendo essa reflexão a partir da fala dos três convidados // e pensando também que existem muitas coisas às quais somos leigos e não temos o devido conhecimento. // E o julgamento a partir de algo que não temos propriedade para falar, só nos torna ignorantes e desrespeitosos com o próximo. // Obrigada mais uma vez Divaldo José, David Brandão e Herli Carvalho// pela humildade em falar e informar sobre a religiosidade // e espiritualidade de vocês.
// No episódio de número três vamos conversar sobre mediunidade// Nos vemos na próxima batida desse tambor!

VINHETA DE ENCERRAMENTO (Brincar em mina '0:55 a 1:10')

Ficha técnica

VOCÊ OUVIU O **PODCAST BATIDAS DO TAMBOR: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS “MINEIROS”**, UMA PRODUÇÃO DE MARIA EDUARDA ANCHIETA, COMO PRODUTO DE TCC DO CURSO DE JORNALISMO DA UFMA, CAMPUS IMPERATRIZ. GRAVAÇÃO DAS VINHETAS: LUCAS MOREIRA. APOIO TÉCNICO: ROSANA BARROS. Orientação é da professora doutora Izani Mustafá.

TEMPO MÉDIO (35 MINUTOS)

Episódio 3

PODCAST BATIDAS DO TAMBOR: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS “MINEIROS”

EPISÓDIO 3 - MEDIUNIDADE NO TAMBOR DE MINA

VINHETA DE ABERTURA (Cânticos - Abertura do tambor I)

EDUARDA ANCHIETA: “Algumas vezes, // era como se eu não estivesse sozinha dentro de mim. // Sonhava com coisas que só depois aconteciam. E tinha quem me dissesse que eu era cavalo. // E que o cavalo era montado pelos espíritos, pelos guias, // como se fossem cavaleiros a montar um animal manso e obediente. // Mas eu não era obediente, nem era mansa.”//

SOU JOÃO (0:53 a 1:03)

EDUARDA ANCHIETA: Olá, pessoal! Que alegria ter vocês aqui de novo! // Sejam muito bem-vindos ao terceiro episódio do *Batidas do Tambor: Vivências e Experiências dos “Mineiros”*. // Eu sou a Eduarda Anchieta e é sempre um prazer compartilhar esse espaço com vocês. // Pra começar, já deixo a nossa dica de leitura: o livro *Um Defeito de Cor*, da incrível Ana Maria Gonçalves. // Ele segue a mesma linha dos títulos que já trouxemos nos episódios anteriores e tem tudo a ver com o tema de hoje:// a mediunidade.

VINHETA DE PASSAGEM (Pontos variados de tambor de mina)

No episódio passado, a gente mergulhou nas diversas formas de expressão das religiões de matriz africana // e em como elas abordam, cada uma à sua maneira, os mesmos tópicos espirituais. // Foi um papo cheio de aprendizados! // Hoje, seguimos nessa energia, mas com algumas novidades: vamos nos despedir de convidados que enriqueceram demais a nossa jornada até aqui // e dar as boas-vindas a uma nova voz que chega pra somar. // Preparados pra mais uma batida do tambor? //

Então vem comigo, que o episódio tá só começando! //



EDUARDA ANCHIETA: Vamos relembrar rapidinho uma palavrinha que aparece na citação do livro e que a gente até comentou no episódio 1? // No contexto das religiões africanas, 'cavalo' é o termo usado para se referir ao médium, // a pessoa que incorpora as entidades. // E nada melhor do que ouvir de quem vive isso na pele, né? // Por isso, convidamos uma dessas pessoas incríveis pra bater esse papo com a gente. // Seja muito bem-vinda, Carleane Cordeiro! Você pode contar pra gente como funciona essa comunicação entre o cavalo e a entidade? // Precisa ser falado em voz alta, ou pode acontecer de forma mais sutil, como uma conversa mental? //

Sonora 1 - APRESENTAÇÃO (CARLEANE) - 10 seg

Sonora 2 - CONVERSA MENTAL - ASSALTO (CARLEANE) - 1 min

Sonora 3 - ASSALTO.PARTE2 - CONVERSA MENTAL (CARLEANE) - 1 min e 05 seg

EDUARDA ANCHIETA: Esse relato mostra como a conexão entre o cavalo e seus guias vai muito além da hora da incorporação, né? // Eles estão presentes no dia a dia dos seus filhos, protegendo, orientando, alertando dos perigos do mundo. // Mas aí fica uma dúvida: será que existe algum critério para que uma entidade baixe em determinado médium? // Como funciona essa escolha e essa relação? // O pai de santo Divaldo José, ainda está com a gente aqui, vamos perguntar pra ele? //

Sonora 4 - ENTIDADES E CAVALOS (DIVALDO) - 2 min e 04 seg

EDUARDA ANCHIETA: E pra você, Carleane, como é isso na prática? Existem entidades que só baixam em médiuns específicos, // ou é algo mais livre, mais aleatório mesmo?

Sonora 5 - ENTIDADES DESCENDO EM OUTRAS PESSOAS (CARLEANE) - 57 seg

EDUARDA ANCHIETA: Vocês lembram daquela conversa com a professora Herli Carvalho sobre energia? // Ela explicou que tudo gira em torno dela. // Se o médium não tiver energia suficiente, não tem como receber determinada entidade. // O corpo simplesmente não suportaria, porque é uma troca energética muito intensa. // Portanto, não é algo aleatório. Existe todo um preparo: mental, espiritual e físico. // E já que a Carleane está aqui com a gente, queria aproveitar pra saber um pouco mais da sua história. // Como foi que o tambor de mina entrou na sua vida? Qual foi o seu ponto de partida nesse caminho espiritual? //

Sonora 6 - COMO CONHECEU O TAMBOR DE MINA (CARLEANE) - 1 min e 18 seg

EDUARDA ANCHIETA: E o que te fez aceitar a sua espiritualidade? //

Sonora 7 - PELA DOR - O QUE A FEZ ACEITAR (CARLEANE) - 1 min e 56 seg

EDUARDA ANCHIETA: O “ele” a quem ela se refere é o seu pai de Santo, o Divaldo, que vocês já conhecem. // E reparem na forma como ela descreve o processo de aceitação: ela diz que aceitou pela dor, e não pelo amor. // Forte, né? E sobre isso, o próprio Divaldo também tem algo a dizer... //

Sonora 8 - PERDA DE IDENTIDADE E PERIGO DE NÃO ACEITAR (DIVALDO) - 2 min e 10 seg

Sonora 9 - QUEM ABANDONA ACABA ABANDONADO (DIVALDO) - 30 seg

EDUARDA ANCHIETA: Essa senhora, de quem ele falou, era uma conhecida da sua falecida mãe de santo. // E olha só: a perda da própria identidade é um risco real para quem resiste ao seu propósito e à sua mediunidade. // Quando esse chamado é negado, acaba se afastando do que veio cumprir aqui, das suas obrigações espirituais.

// Então vamos ouvir o resto dessa história? Carleane, relembre pra gente como foi que você passou por esse processo. //

Sonora 10 - O QUE A FEZ VOLTAR DE PORTUGAL (CARLEANE) - 2 min e 03 seg

EDUARDA ANCHIETA: Não sei vocês, mas eu me arrepiei. // E depois da sua volta, Carleane, qual foi o seu momento mais marcante? //

Sonora 11 - MOMENTO MAIS MARCANTE (CARLEANE) - 52 seg

EDUARDA ANCHIETA: E como foi esse processo pra você? Você já virou dançante logo depois da sua primeira incorporação? // Só pra contextualizar pra quem tá ouvindo: os dançantes são aquelas pessoas que ficam no centro da roda, ou gira, durante os dias de tambor. // Elas dançam ao som dos toques e das cantigas, e são justamente quem recebe as entidades em seus corpos. //

Sonora 12 - VIROU DANÇANTE DE IMEDIATO (CARLEANE) - 42 seg

EDUARDA ANCHIETA: E Carliane, me esclarece uma coisa: será que quem não dança também pode incorporar? Como funciona isso? //

Sonora 13 - PESSOAS QUE NÃO DANÇAM TAMBÉM INCORPORAM (CARLEANE) - 49 seg

EDUARDA ANCHIETA: E qual é a simbologia do tambor na sua experiência? O que ele representa pra você? //

Sonora 14 - SIMBOLOGIA DO TAMBOR (CARLEANE) - 43 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ué, então mesmo sem o toque do tambor pode haver incorporação? // Ah, agora entendi! É assim que funcionam os dias de cura, né? // Como as entidades vêm a trabalho, não há o toque do tambor nesses momentos. Faz todo sentido. // E quando o tambor soa, nos dias de festa, qual parte do ritual mais te encanta, Carleane? O que mais te fascina quando você está dançando? //

Sonora 15 - MENSAGEM POR TRÁS DAS MÚSICAS E DANÇAS (CARLEANE) - 1 min e 07 seg

EDUARDA ANCHIETA: Agora me diz, você que já tem bastante tempo de casa, // já percebeu se os costumes antigos continuam firmes? // Será que, hoje em dia, alguns rituais novos foram implementados? // Eu gostaria de saber mais sobre isso.

Sonora 16 - MUDANÇAS ENTRE COSTUMES ANTIGOS E ATUAIS (CARLEANE) - 39 seg

EDUARDA ANCHIETA: Quando ela diz que ele reclamou de algo, na verdade foi quando o Divaldo esbarrou com ela e comentou que ela estava usando shorts no

terreiro, // o que não é uma roupa muito apropriada. // Mas pelo que parece, no terreiro do David, algumas coisas mudaram. Que tal a gente ouvir um pouco mais sobre isso?
//

Sonora 17 - MUDANÇAS ANTIGAS E NOVAS E A BUSCA DO PÚBLICO JOVEM (DAVID) - 1 min e 47 seg

EDUARDA ANCHIETA: Depois de ouvir esse relato de David e Carleane, o Divaldo também quis comentar um pouco sobre como se dá o aprendizado dentro das religiões de matriz africana e nos terreiros. // Afinal, esse processo é algo contínuo, vivido na prática, com muita escuta, vivência e respeito à tradição. //

Sonora 18 - APRENDIZADO (DIVALDO) - 1 min e 14 seg

EDUARDA ANCHIETA: E entrando no tópico de preconceito, vocês já passaram por algum momento em que foram ofendidos por seguir a religião de vocês, // por cultuar as entidades que cultuam? Como lidaram com a situação, David e Carleane?//

Sonora 19 - PRECONCEITO QUE SOFREU E NÃO TER VERGONHA (DAVID) - 46 seg

Sonora 20 - SE JÁ SOFREU ALGUM PRECONCEITO (CARLEANE) - 38 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ouvir quem já viveu essas duas realidades é essencial, porque, infelizmente, o preconceito ainda faz parte da vida de muita gente. // Mas é importante lembrar que essas experiências ruins não são uma regra. // Escutar esses relatos fortalece a luta contra o preconceito e nos ajuda a valorizar a riqueza da nossa diversidade cultural e espiritual. // Ainda assim, a gente sabe que o preconceito existe, e a associação equivocada das religiões de matriz africana com o mal continua afetando a todos. // O que vocês acham sobre isso, Divaldo e Carleane?

Sonora 21 - VINCULANDO AO MAL (CARLIANE) - 45 seg Sonora 22

Sonora 22 VEICULAÇÃO AO MAL (DIVALDO) - 1 min e 21 seg

EDUARDA ANCHIETA: E como a participação do Divaldo nesse episódio foi só um gostinho, que tal a gente aproveitar pra ouvir um pouco mais dele? // Divaldo, será que você pode esclarecer uma dúvida rapidinho pra mim? // Eu fiquei aqui pensando, será que uma pessoa que não é médium pode se tornar Pai ou Mãe de Santo?

Sonora 23 - PAI DE SANTO SEM SER MÉDIUM (DIVALDO) - 1 min e 08 seg

EDUARDA ANCHIETA: Agora que minha curiosidade aleatória foi respondida, vamos finalizar o nosso papo com a Carleane. // Me diz, Carleane, em algum momento da

sua caminhada espiritual, você já pensou em desistir ou teve dúvidas sobre o seu caminho? //

Sonora 24 - DESISTIR (CARLEANE) - 39 seg

Sonora 25 - DÚVIDAS QUANTO A FÉ (CARLEANE) - 40 seg

EDUARDA ANCHIETA: Encerramos este episódio nos despedindo com muita gratidão ao David Brandão e à Carleane Cordeiro, que trouxeram vivências e aprendizados tão valiosos. // Foi uma honra ouvir cada um de vocês. E pra quem segue com a gente, fiquem atentos: o líder religioso Divaldo José ainda aparece no último episódio, // lá a gente se despede dele direitinho. // Então, até a última batida desse tambor! //

VINHETA DE ENCERRAMENTO (Brincar em mina '0:55 a 1:10')

Ficha técnica

VOCÊ OUVIU O **PODCAST BATIDAS DO TAMBOR: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS “MINEIROS”**, UMA PRODUÇÃO DE MARIA EDUARDA ANCHIETA, COMO PRODUTO DE TCC DO CURSO DE JORNALISMO DA UFMA, CAMPUS IMPERATRIZ. GRAVAÇÃO DAS VINHETAS: MARIA LUÍSA ANCHIETA. APOIO

TÉCNICO: ROSANA BARROS. Orientação é da professora doutora Izani Mustafá.

TEMPO MÉDIO (35 MINUTOS)

Episódio 4

PODCAST BATIDAS DO TAMBOR: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS “MINEIROS”

EPISÓDIO 4 – FAMÍLIA

VINHETA DE ABERTURA (Cânticos - Abertura do tambor I)

EDUARDA ANCHIETA: “Mesmo sozinha, eu sentia as presenças. // Minha mãe, minha avó, as mulheres queimadas, elas caminhavam comigo. // Vinham de todos os cantos do tempo, da África, da América, da Europa, vítimas das fogueiras, dos linchamentos, do desprezo, dos códigos, dos catecismos.// E eu lhes dizia: ‘Vocês não morreram. Enquanto eu estiver viva, vocês estarão vivas também.’” //

OXUM MINHA MÃE GUERREIRA (2:13 a 2:23)

EDUARDA ANCHIETA: Oi, pessoal! Sejam muito bem-vindos ao último episódio da primeira temporada do *Batidas do Tambor: Vivências e Experiências dos Mineiros*. //

Eu sou a Eduarda Anchieta, e já começo esse encontro agradecendo de coração a cada um de vocês que me acompanhou até aqui. // Essa está sendo uma jornada linda, não concordam?

A citação do livro que abre o episódio de hoje fala sobre laços familiares, e esse é justamente nosso tema. // Diferente dos outros três títulos indicados ao longo da série, o livro de hoje não foi escrito por um autor maranhense, // mas é uma leitura poderosa: *Tituba: A Bruxa Negra de Salém*, da autora Maryse Condé. // Vale muito a pena conhecer essa obra tão impactante. //

VINHETA DE PASSAGEM (Pontos variados de tambor de mina)

E pra fechar essa temporada de um jeito mais do que especial, eu recebo duas convidadas muito queridas: // minhas tias, Joseana e Dayana Anchieta. //

Elas vão dividir com a gente um pouco da nossa história familiar, e contar como, e por que, tudo isso serviu de inspiração para que esse projeto tomasse forma. // A gente também vai bater um papo sobre a vivência de irmandade dentro do tambor de mina, // e o papel do apoio familiar, especialmente quando uma das irmãs é médium e a outra não. //

E já vou avisando: esse vai ser o nosso maior episódio, então se preparem, pegue um café, ajeitem os fones, porque tem muita história bonita vindo aí. //

Então, preparados pra última batida desse tambor? // Vem comigo, que essa edição promete ser emocionante! //



EDUARDA ANCHIETA: Oi tias, bem-vindas, // se apresentem, por favor. Sonora 1 -

Sonora 1 APRESENTAÇÃO (TIA DAY) - 07 seg

Sonora 2 - APRESENTAÇÃO (TIA JOSE) - 06 seg

EDUARDA ANCHIETA: Antes de tudo, deixa eu situar vocês: // as duas fazem parte da Casa Fé, Esperança e Caridade. Soa familiar?// Isso mesmo, é a mesma casa onde o Divaldo José é Pai de Santo. // Então, Tia Day, conta pra gente: qual foi o ponto de partida da sua caminhada espiritual? //

Sonora 3 - A NECESSIDADE DA ESPIRITUALIDADE (DAY) - 1 min e 20 seg Sonora 4

- E O QUE DEU JOSÉ (DAY) - 32 seg

EDUARDA ANCHIETA: E pra senhora, tia Jose, como foi o seu início? // Sonora 5

Sonora 5 - APROXIMAÇÃO COM O LADO ESPIRITUAL (JOSE) - 41 seg

EDUARDA ANCHIETA: E o primeiro contato que a senhora teve com um terreiro foi na casa de Divaldo? Como foi a experiência inicial? //

Sonora 6 - PRIMEIRA VEZ EM UM TERREIRO (JOSE) - 1 min e 36 seg

EDUARDA ANCHIETA: E já que estamos falando sobre respeito às entidades, // a professora Herli Carvalho também fez um último comentário bem importante sobre o respeito que o cavalo recebe dentro do terreiro na comunidade quilombola. // Ela destacou o que acha mais bonito nessa relação, vamos ouvi-la? //

Sonora 7 - RESPEITO PELAS ENTIDADES (HERLI) - 42 seg

EDUARDA ANCHIETA: Muito forte isso que a professora Herli trouxe, né? // O mais bonito é que, independente da religião, todos na comunidade participam e respeitam aquele momento dentro do terreiro. // E falando em vivências interligadas, especialmente com o catolicismo, // a Tia Jose vai compartilhar um pouco da experiência dela com a fé e como isso se conecta com o tambor. // Tia, a palavra é sua. //

Sonora 8 - REPETIÇÃO + SE ENCONTROU DO OUTRO LADO (JOSE) - 59 seg

EDUARDA ANCHIETA: Que bonito isso tudo... // Às vezes, é mesmo difícil a gente se sentir 100 por cento parte de algum lugar. // Mas quando a gente encontra um espaço onde há acolhimento, respeito e verdade, o sentimento é outro, é quase como encontrar um pedaço de casa fora de casa. // E é por isso que eu queria perguntar pra vocês: // quais os sentimentos que vocês possuem quanto ao tambor de mina e quando pensam no terreiro que frequentam e nas experiências que viveram? //

Sonora 9 - COMO SE SENTE ESTANDO NO TERREIRO (JOSE) - 1 min e 05 seg

Sonora 10 - SENTIMENTO SOBRE O SEU TERREIRO (DAY) - 1 min e 04 seg

EDUARDA ANCHIETA: Pensando aqui... percebi que pulei uma parte essencial da trajetória de vocês. // Antes de falar do que o tambor representa, é importante entender como tudo começou, né? // Então me contem: como foi que o tambor de mina entrou na vida de vocês? // O que levou vocês a escolherem seguir esse caminho espiritual? //

Sonora 11 - O QUE LEVOU A PROCURAR O TAMBOR DE MINA (DAY) - 1 min e 34 seg

Sonora 12 - CONVIVÊNCIA NO TAMBOR DE MINA (DAY) - 58 seg

Sonora 13 - O QUE MOTIVOU A CONTINUAR FREQUENTANDO (JOSE) - 1 min e 09 seg

EDUARDA ANCHIETA: E tia Jose, como são os encontros lá no terreiro do seu Divaldo?
// Conta pra gente como é vivenciar esses momentos, como tudo acontece por lá. //

Sonora 14 - APRENDIZADO E OLHAR ABERTO (JOSE) - 1 min

EDUARDA ANCHIETA: A gente acabou de ouvir como é estar nesse espaço a partir do olhar de quem frequenta, mas não é filha da casa. // Agora, vamos dar um passo mais fundo nessa vivência e entender como tudo isso acontece para quem é médium.
// Como será que é sentir, viver e carregar essa responsabilidade dentro do terreiro, tia Day? //

Sonora 15 - O MEDO (DAY) - 1 min e 55 seg

EDUARDA ANCHIETA: E como é pra você, tia Day, conciliar o lado espiritual com a vida pessoal? // Porque a gente sabe que ser médium ou estar envolvida com a religião exige entrega, responsabilidade... // mas também tem o trabalho, a família, o dia a dia.
// Como vocês equilibram tudo isso?//

Sonora 16 - EQUILÍBRIO DE VIDA PESSOAL E ESPIRITUAL (DAY) - 1 min e 05 seg

EDUARDA ANCHIETA: Queria entender um pouco mais sobre como essa ajuda espiritual se manifesta no seu dia a dia. // Dá pra perceber que, depois de se conectar mais com esse lado, muita coisa mudou, né? // Parece que isso trouxe um crescimento pessoal muito forte.
// A senhora percebe alguma diferença em si mesma, depois de se conectar mais com essa parte da sua vida, tia Day? //

Sonora 17 - ESPIRITUALIDADE NO DIA A DIA (DAY) - 1 min e 22 seg

Sonora 18 - AJUDA (DAY) - 49 seg

EDUARDA ANCHIETA: E pra senhora, tia Jose, como é pra você acompanhar sua irmã nessa caminhada espiritual? // Mesmo não sendo médium, estar ali ao lado dela, dividindo esse espaço, vindo de perto tudo que ela vive... // o que isso representa pra você?//

Sonora 19 - RELAÇÃO DE IRMÃS (JOSE) - 49 seg

Sonora 20 - E ENTENDIMENTO (JOSE) - 52 seg

EDUARDA ANCHIETA: E lá na infância, como era a relação das duas com a mediunidade? // Já existia alguma conexão com a espiritualidade ou isso foi algo que foi crescendo com o tempo? //

Sonora 21 - PROTEÇÃO (JOSE) - 1 min e 05 seg

Sonora 22 - O SEU PAPEL (JOSE) - 49 seg

EDUARDA ANCHIETA: Vocês podem contar um pouco sobre como o acolhimento da família impacta essa jornada espiritual? // Em momentos de dificuldade ou dúvida, de que maneira o suporte familiar se manifesta e ajuda vocês a seguirem em frente? //

Sonora 23 - ACEITAÇÃO DA FAMÍLIA (JOSE) - 1 min e 16 seg

Sonora 24- ACOLHIMENTO DA FAMÍLIA (DAY) - 1 min e 04 seg

Sonora 25 - 2 FAMÍLIAS (DAY) - 18 seg

EDUARDA ANCHIETA: E pra senhora, tia Day, como é ter a companhia e o apoio da sua irmã nessa caminhada espiritual? // De que forma essa presença faz diferença na sua jornada dentro do terreiro? //

Sonora 26 - RELAÇÃO DE IRMÃS (DAY) - 1 min e 21 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ao longo dos episódios, a gente já falou bastante sobre os preconceitos que cercam as religiões de matriz africana, // sobre os olhares atravessados, os julgamentos e essa associação injusta entre o sagrado e o negativo. // São feridas abertas que muitas vezes atravessam gerações. // E agora, eu queria ouvir da senhora, tia Day... como é lidar com esses preconceitos no dia a dia? // E de que forma a espiritualidade ajuda a enfrentar tudo isso? //

Sonora 27 - PACIÊNCIA (DAY) - 1 min e 01 seg

Sonora 28 - PRECONCEITO (DAY) - 1 min e 16 seg

Sonora 29 - Sonora 2 TRABALHOS (DAY) - 46 seg

EDUARDA ANCHIETA: Saindo um pouquinho desse tema, mas só por enquanto, já já a gente volta pra ele, // vocês ouviram a tia Day comentando sobre as comidas que são preparadas, né? // E lembram que eu falei que o Divaldo ainda ia aparecer mais um pouquinho nesse último episódio? // Pois é, chegou a hora! // Vamos escutar o que ele tem a dizer sobre essas comidas tão especiais? //

Sonora 30 - COMIDAS (DIVALDO) - 2 min e 22 seg

EDUARDA ANCHIETA: Ah, e eu fiquei sabendo de uma coisa que me deixou curiosa... // Dizem que essas comidas não levam tempero. // seu Divaldo, isso é verdade mesmo? // E por que elas são preparadas dessa forma? //

Sonora 31 - TEMPERO NA COMIDA (DIVALDO) - 35 seg

EDUARDA ANCHIETA: Quanta coisa boa pra aprender, né? // Mas agora bora voltar pra

nossa conversa principal e ouvir mais da tia Jose.//

Sonora 32 - PRECONCEITO E CONVICÇÕES (JOSE) - 47 seg

Sonora 33 - IGNORÂNCIA (JOSE) - 28 seg

EDUARDA ANCHIETA: E já nos encaminhando para os finalmentes deste episódio tão especial, queria saber de vocês: // tem algo que gostariam de compartilhar nesse encerramento?

Sonora 34 - VERGONHA (DAY) - 38 seg

Sonora 35 - SENTIMENTOS NO TERREIRO (JOSE) - 54 seg

EDUARDA ANCHIETA: E Tia Day, pra quem está sentindo o chamado e pensando em ingressar na religião, // mas ainda tem dúvidas ou receios, que mensagem, conselho ou acolhimento você deixaria pra essa pessoa? //

Sonora 36 - CONSELHOS PARA QUEM QUER INGRESSAR NA RELIGIÃO (DAY) - 1 min e 33 seg

Sonora 37 - TEMPO PARA A ESPIRITUALIDADE (DAY) - 42 seg

EDUARDA ANCHIETA: E pra fechar de vez, // vamos ouvir uma última palavra do Divaldo, pra reforçar que toda a permissão para falar sobre tudo que comentamos aqui foi concedida, // e que seguimos com respeito e responsabilidade nessa jornada. //

Sonora 38 - CONSULTOU PARA SABER SE PODE (DIVALDO) - 17 seg

EDUARDA ANCHIETA: Quero agradecer profundamente a todos que participaram e tornaram essa temporada possível: // aos pais de santo David Brandão, Divaldo José à professora Herli Carvalho, a Carliane Cordeiro, e também às minhas tias, Dayana e Joseana Anchieta// Cada um de vocês narrou histórias, apresentou ensinamentos e descreveu experiências que enriqueceram demais este projeto. // E, claro, um muito obrigada a você que nos ouviu até aqui, acompanhando cada episódio, cada conversa. // Sou imensamente grata e me sinto realizada por todo o apoio e amor que recebi, especialmente da minha família. // Encerro essa temporada com o coração acalentado, cheia de esperança e inspiração para seguir adiante. // Até a próxima temporada, com muito mais batidas do tambor. //

VINHETA DE ENCERRAMENTO (Brincar em mina '0:55 a 1:10')

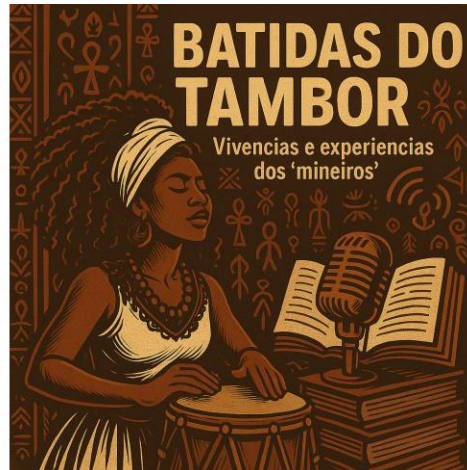
Ficha técnica

VOCÊ OUVIU O PODCAST BATIDAS DO TAMBOR: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS “MINEIROS”, UMA PRODUÇÃO DE MARIA EDUARDA ANCHIETA, COMO PRODUTO DE TCC DO CURSO DE JORNALISMO DA UFMA, CAMPUS IMPERATRIZ. GRAVAÇÃO

DAS VINHETAS: LUCAS MOREIRA. APOIO TÉCNICO:
ROSANA BARROS. Orientação é da professora doutora Izani Mustafá.

(TEMPO MÉDIO: 38 MINUTOS)

Imagens de capa do perfil no Instagram e no Spotify respectivamente



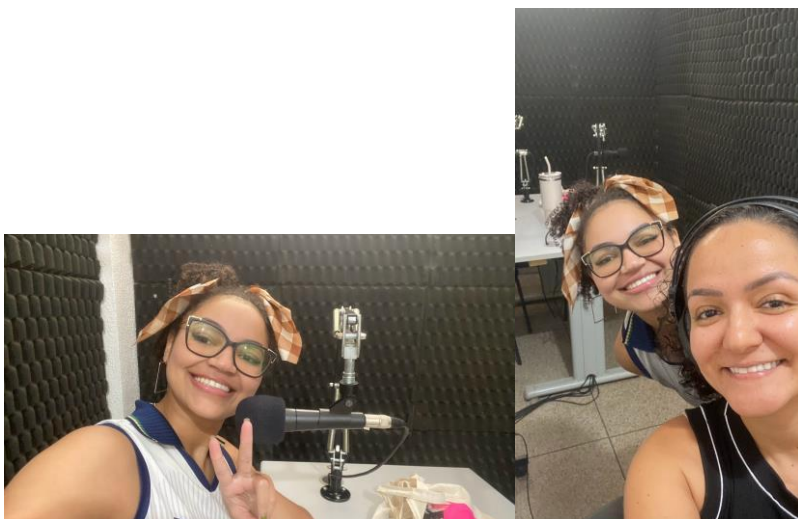
Imagens dos cards dos 4 episódios



Autorização - Tribuna Jurandienne



Registros das gravações com a jornalista e técnica Rosana Barros



- Registros do Pai de Santo Divaldo José e da Dançante Carleane Cordeiro



- Registros da Casa Fé Esperança e Caridade: Altar; Imagens e Instrumentos







Para ouvir os episódios, acesse:

Episódio 1 – Pais de Santos e os Tambores de Mina

Link:

<https://open.spotify.com/episode/18GolukDoxKMIwoR2Mw9Ur?si=O4008X9BRZOB1qT-mVWr8A>

Episódio 2 – Deus ou Olorum?

Link:

<https://open.spotify.com/episode/2wMmQN0A8tTNKtQVDFI0b9?si=5z8XBMM5QiiN9w6wL8tBjQ>

Episódio 3 – Mediunidade no Tambor de Mina

Link:

<https://open.spotify.com/episode/3Pz34eI6AEmLVPNXyN68lr?si=Nly9UsKpTU21QAT-Ji73dQ>

Episódio 4 – Família

Link:

https://open.spotify.com/episode/5cBaWNifoQfYsWfFF8kPrI?si=XUwP_zX0RbW4Qeh6DZ2AdA

